



7 • Correio Braziliense — Brasília, sábado, 19 de julho de 2025

<b>Bolsas</b> Na sexta-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Dólar</b> Na sexta-feira	<b>Salário mínimo</b> Últimos	<b>Euro</b> Comercial, venda na sexta-feira	<b>CDI</b> Ao ano	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
1,61% São Paulo	135.298	R\$ 5,587 (+ 0,73%)	14/julho 5,584 15/julho 5,558 16/julho 5,561 17/julho 5,547	R\$ 1.518	R\$ 6,494	14,90%	1,31 1,31 0,56 0,43 0,26 0,24
0,32% Nova York	15/7 16/7 17/7 18/7					14,92%	

## TARIFAÇÃO DE TRUMP

# Empresários levam apoio a Alckmin

Após reunião com representantes de empresas exportadoras brasileiras e norte-americanas, Lide prepara comunicado para encaminhar ao vice-presidente Geraldo Alckmin, que lidera as negociações com os Estados Unidos sobre a taxa de 50%

» ROSANA HESSEL  
» EDUARDA ESPOSITO

Rodrigo Senigaglia/LIDE



Lideranças do Lide e representantes do setor produtivo reagiram ao tarifaço anunciado pelos EUA e propuseram uma ofensiva diplomática

O Grupo de Líderes Empresariais (Lide) manifestou apoio ao vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), Geraldo Alckmin, nas negociações com autoridades dos Estados Unidos, a fim de reverter o tarifaço de 50% sobre os produtos brasileiros que deve começar a vigorar a partir de 1º de agosto. Em reunião com mais de 30 representantes de empresas brasileiras e norte-americanas, o grupo preparou um comunicado, com sugestões, para encaminhar a Alckmin.

“Vamos oferecer ao vice-presidente Alckmin o nosso apoio incondicional de levar essas sugestões à mesa de negociação, inclusive, até com executivos dispostos a acompanhar a delegação brasileira, quando e se ela for negociar (nos Estados Unidos), para que essas negociações tenham êxito”, afirmou o economista Roberto Giannetti, head do Lide Comércio Exterior, em entrevista ao **Correio**. Segundo ele, o lado empresarial norte-americano também está ativo na busca de uma solução para a questão tarifária. Alckmin é coordenador do grupo de trabalho responsável pelas negociações com os Estados Unidos.

O consenso entre os participantes da reunião do Lide, segundo Giannetti, foi de que o tarifaço traz prejuízos para as duas economias. “Não há nenhuma argumentação econômica ou jurídica para que esse tarifaço prevaleça”, destacou. “Evidentemente que avaliação é de que o tarifaço traz prejuízos significativos para as duas economias”, acrescentou.

Giannetti também destacou que os participantes da reunião defenderam a negociação, em vez de retaliação. “A nossa alternativa seria buscar formar uma agenda positiva. Esse é o grande resultado dessa reunião. Agenda positiva que seria trazer à mesa com que pudessem

criar um melhor ambiente de negócios, de comércio, de investimentos e promover uma facilitação do comércio e dos investimentos entre os dois países”, afirmou. Ele citou como exemplos a redução de barreiras tarifárias e não tarifárias, “que sejam aceitas e adequadas de ambos os lados”, a conclusão do acordo de não tributação entre os dois países entre as empresas dos dois países.

Participaram do encontro do Lide mais de 30 empresários, executivos de grandes empresas exportadoras do Brasil, de grandes multinacionais norte-americanas e alguns representantes de associações de classe e de instituições.

“Foi um debate aberto, buscando apresentar alternativas de solução para a negociação que se aproxima do tarifaço entre Brasil e Estados Unidos”, disse.

Na avaliação de Giannetti, a politização do caso e as decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) são “inegociáveis” nas conversas entre os dois países. “A questão política transcende a nossa atuação empresarial. Não vamos entrar no debate político nem questionamos isso na reunião porque esse é um assunto que nós gostaríamos até que fosse abandonado, porque essa discussão política não é pertinente ao tema tarifário. Acho que deveria ser relevante

segunda instância, porque ela não resolve, ela é, de certa ponta, até é inegociável, porque é uma questão muito mais pessoal. Então, tudo isso relacionado à questão do STF; do Brics, precisa ser colocado à margem. Não é possível. Nós não vamos negociar isso”, afirmou.

O economista elogiou a manifestação recente das câmaras de comércio do Brasil e dos Estados Unidos, demonstrando preocupação com os empresários brasileiros que investem no Brasil. “Nós aplaudimos a iniciativa da US Chamber, assim como também esperamos que o congresso norte-americano, que tem lá a frente parlamentar brasileira, que ele chama

de interesse do povo americano e do povo brasileiro é que não ocorra o tarifaço, porque traz prejuízo aos consumidores, aos empregos e as empresas. Então, é interesse de quem? É interesse de quem o tarifaço? Não há, não há do ponto de vista racional, não há ninguém que se interesse pelo tarifaço, porque ele é um.”

Participaram do encontro, por exemplo, o ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do Banco Central, Henrique Meirelles; o economista-chefe da XP Investimentos, Caio Megale; o ex-ministro do Mdic e conselheiro da BRF, Luiz Fernando Furlan; a chefe de Políticas Públicas da AWS, Nayana Rizzo; e o

diretor do Mc Donald’s no Brasil, Fernando de Paula.

### Balanco

Falando a jornalistas, ontem, no final do dia, Alckmin fez um balanço das reuniões realizadas com os setores produtivos brasileiros e norte-americano ao longo da semana. “Ao longo da semana, tivemos um importante encontro com o presidente da Câmara e do Senado mobilizando o setor empresarial. Tivemos uma nota conjunta da Amcham, que é a Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, e da US Chamber contra o tarifaço, dizendo que não tem nenhuma justificativa plausível”, destacou o ministro.

Ontem, o encontro foi com representantes dos setores de mineração e de energia. Ele lembrou que a mineração é dos setores em que os Estados Unidos têm “enorme superavit” com o Brasil. “Nós importamos muito mais na área da mineração, máquinas, equipamentos do que exportamos”, disse o vice-presidente.

Geraldo Alckmin lembrou ainda que a situação gera insegurança jurídica no Brasil. “[O tarifaço] coloca uma insegurança jurídica, insegurança para investimentos. Não tem razoabilidade, ainda mais um país que tem superavit na balança comercial com o Brasil. Estados Unidos, aliás, têm superavit de dólares e nós precisamos também desfazer a desinformação”, destaca.

De acordo com o vice-presidente, as reuniões com os diversos setores produtivos geraram alguns bons resultados. “Uma união nacional em torno da soberania do país, que é inegociável. Depois, a necessidade de um empenho para o desenvolvimento, para a gente suspender esse aumento de alíquotas, que é muito ruim e é um perde perde, porque não é ruim só para o Brasil, é ruim também para os Estados Unidos”, ressaltou o ministro.

# Brasil pode perder competitividade

» ALÍCIA BERNARDES

A tarifação em 50% sobre produtos brasileiros comprados nos Estados Unidos, caso prospere, pode inviabilizar completamente as exportações para o mercado americano. A avaliação é do ex-secretário de Comércio Exterior e sócio-fundador da BMJ Consultoria, Welber Barral.

Segundo o consultor, um dos setores mais afetados será o de carnes, que enfrenta forte concorrência de países com tarifas mais baixas, como Austrália, Canadá e União Europeia.

“O impacto é muito grande. Se os Estados Unidos conseguem importar de outras origens com tarifas menores, o Brasil perde competitividade e, potencialmente, o próprio mercado”, afirma Barral em entrevista ao **Correio**. O especialista lembra que o setor de carnes é um dos mais sensíveis a esse tipo de barreira, por ser altamente

dependente de margens e exposto à concorrência internacional.

Barral também destaca a motivação política por trás da medida de Trump, citando declarações que relacionam a decisão ao processo judicial que envolve o ex-presidente Jair Bolsonaro. “Há um alinhamento entre os dois, tanto no discurso sobre tentativas de golpe quanto na perseguição judicial. Além disso, há pressão das big techs contra o governo brasileiro, que também pode ter influenciado essa postura protecionista”, avalia.

Por outro lado, especialista recorda que as tarifas, se efetivadas, devem ter efeitos inflacionários nos Estados Unidos, o que pode interferir nas eleições legislativas do próximo ano. “Trump está apostando que esse impacto será absorvido, mas um aumento no custo de produtos importados pode favorecer os democratas, que tentam retomar o controle da Câmara”, explica.

Minervino Júnior/CB/DA Press



Welber Barral alerta que contencioso é um processo longo

Segundo ele, o Brasil deve seguir o caminho tradicional da diplomacia: primeiro, apresentar uma reclamação formal à Organização Mundial do Comércio (OMC), e, se necessário, abrir um

contencioso. Mas o processo é demorado. “Um contencioso leva de três a quatro anos. Não é uma solução imediata”, pondera. Barral lembra que, em 2009, o Brasil conseguiu negociar com os EUA após

ameaçar aplicar sanções cruzadas, inclusive, sobre patentes e direitos autorais. Contudo, ressalta que o atual cenário é mais instável e exige cautela. “Uma ameaça precipitada pode piorar ainda mais a relação bilateral. É preciso saber o momento certo para pressionar”.

Mesmo diante da tensão, Barral acredita que o Brasil tem capacidade técnica para enfrentar o desafio. “O problema é que o cenário nos Estados Unidos mudou. A política comercial americana se tornou imprevisível e muito dependente do humor do presidente”.

Além do Brasil, países como Canadá, México, China e os membros da União Europeia também estão sob ameaça de tarifas elevadas. Todos, segundo Barral, estão tentando negociar para evitar uma nova guerra comercial.

\* Estagiária sob a supervisão de Edla Lula

### » Mercado tenso com operação da Polícia Federal

Em meio à tensão provocada pelo cenário político, com a operação deflagrada pela Polícia Federal contra o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), o Ibovespa, índice de referência do mercado acionário brasileiro, encerrou em queda de 1,61%, a 133.381,58 pontos. A semana se encerrou com perda acumulada de 2,07%. A moeda americana, por sua vez, fechou em alta, aproximando-se de R\$ 5,60. O dólar comercial subiu 0,73%, vendido a R\$ 5,587. No início da tarde, a moeda chegou a ser cotada a R\$ 5,598. O mercado teme que as restrições impostas ao ex-presidente possa atrapalhar as negociações em torno do tarifaço de 50% prometido pelo presidente norte-americano Donald Trump.